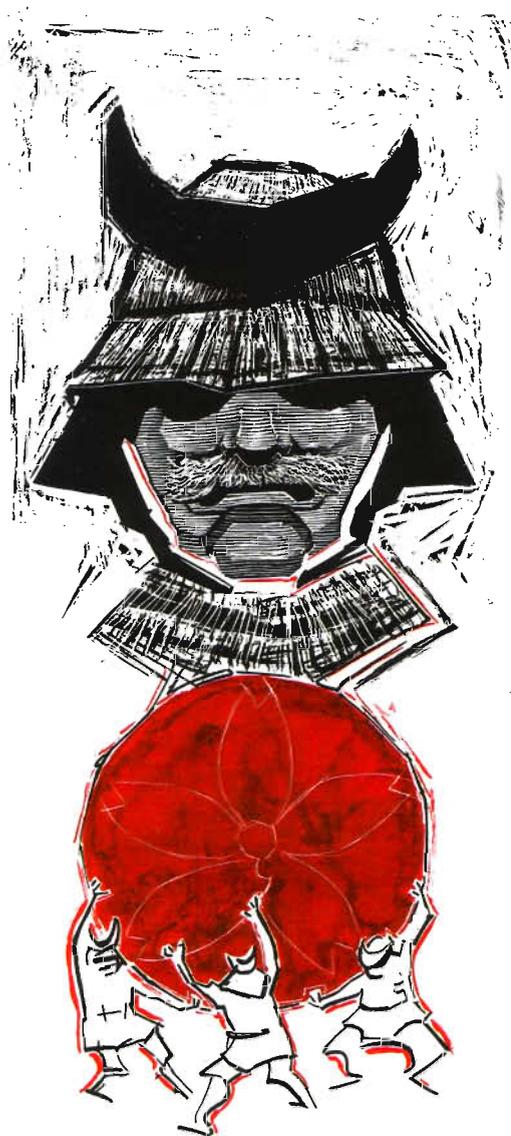


# A vontade de fazer junto



Quando ocorrem tragédias como as provocadas pelo tsunami no Japão, dois fenômenos acontecem quase que simultaneamente. O primeiro é o da solidariedade, que surge de onde menos se espera e se espalha entre pessoas, cidades e continentes. A solidariedade se expressa tanto por ações comuns como por atos heroicos e aumenta em muito a esperança dos que estão sofrendo, de que uma solução vai ser encontrada.

O segundo fenômeno é o da colaboração. Trata-se de um tipo de ação solidária que une pessoas em busca de objetivos comuns. É compreensível que o espírito colaborativo ganhe vigor em momentos críticos. O ideal, porém, seria que ele estivesse presente no enfrentamento de todas as dificuldades que uma pessoa encontrasse. Por que isso não acontece? Vamos analisar a questão, começando pela origem da palavra: co + labor + ação, ou seja, uma

Colaboração  
é uma ação  
trabalhada  
em conjunto  
por duas ou  
mais pessoas

ação trabalhada em conjunto por duas ou mais pessoas. Note que a palavra não se refere apenas a uma combinação. Precisa ter a ação.

Existem condições que favorecem a ocorrência de colaboração. Valores comuns, por exemplo. Também ajuda a clara existência de ética. E, fundamen-

talmente, objetivos comuns claramente definidos e resultados sempre compartilhados permitem que a colaboração floresça. Boa receita. Simples e prática.

E o que atrapalha a colaboração? A não existência das condições citadas. Há também outro inimigo: o excesso de individualismo. São as agendas ocultas, o ciúme e a fatal presença da figura que chamo de “professor de deus”. Trata-se daquele cara que acha que sabe tudo e diz que, para ele, tudo é fácil. Os sentimentos adversos de ciúme e a irritante presença de um individualista acabam com qualquer esforço de colaboração.

A boa notícia é que é fácil identificar esses pontos críticos e atacá-los de forma direta, para resolvê-los ou minimizá-los. Mas e o professor de deus? Pode ser que ele melhore sob uma intensa pressão coletiva ou com um processo de aconselhamento. Se deus quiser. ●



Luiz Carlos Cabrera é professor da Eaesp-FGV, diretor da Amrop Panelli Motta Cabrera e membro do Advisory Board da Amrop International